

# al-‘ulayà

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL DE LOULÉ

nº 21 2019



# Ficha Técnica

**Título:** al-‘ulyà

Revista do Arquivo Municipal de Loulé Nº 21 – 2019  
Publicação Periódica Anual de Divulgação Científica e Cultural

**Propriedade:** Câmara Municipal de Loulé

Av. Praça da República - 8104-001 Loulé

Tel. 289 400 600

<http://www.cm-loule.pt>

**Edição:** Arquivo Municipal de Loulé

Rua Cândido Guerreiro, s/n - 8100-681 Loulé

E-mail: [revista.al-ulya@cm-loule.pt](mailto:revista.al-ulya@cm-loule.pt)

Página online: <http://www.cm-loule.pt/pt/pt/menu/1289/revista-al-ulya.aspx>

**Director:** Manuel Pedro Serra

E-mail: [pserra@cm-loule.pt](mailto:pserra@cm-loule.pt)

Tel. 289 400 846

**Conselho Científico:**

Bernardo Vasconcelos e Sousa, Francisco Lameira, Guilherme d'Oliveira Martins, José Carlos Vilhena Mesquita, José d'Encarnação, Luís Miguel Duarte, Luís Reis Torgal, Maria Helena Catarino, Maria Helena da Cruz Coelho, Mário Varela Gomes e Pedro Gomes Barbosa

**Colaboradores:**

Álvaro Garrido, Amélia Polónia, Ana Tomás, António Rafael Amaro, Bernardo Vasconcelos e Sousa, Francisco Mangas, Guilherme d'Oliveira Martins, José Carlos Garcia, João Saboia, José Carlos Vilhena Mesquita, José d'Encarnação, José Reis, Luís Filipe Oliveira, Luís Miguel Duarte, Luís Reis Torgal, Maria Helena Cruz Coelho, Maria Isabel João, Maria Leonor Freire Costa, Margarida Sobral Neto, Mário Varela Gomes, Nuno Valério, Rita Martins de Sousa

**Grafismo:** Susana Leal

**Paginação:** João Martins

**Foto capa:** Arquivo Municipal de Loulé

**Depósito Legal:** 59729/92

**ISSN:** 0872-2323

**Paginação | Montagem | Impressão | Acabamentos:**

Caleidoscópio – Edição e Artes Gráficas, SA

**Tiragem:** 500 exemplares

**Distribuição:** Câmara Municipal de Loulé

**Data da publicação:** 2019

Os artigos assinados são da responsabilidade dos respectivos autores.

Pede-se permuta - piede canje - On demand l'échange -  
we ask exchange - man bittet um austausch



Câmara Municipal de Loulé

## **ROMERO, ALGARVIO!**

José d'Encarnação

# ROMERO, ALGARVIO!

José d'Encarnação

Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património- Faculdade de Letras da Universidade Coimbra

Integra Joaquim Romero Magalhães as levas de estudantes que, nas décadas de 50 e 60, findo o curso liceal, demandaram a Universidade em Lisboa ou em Coimbra.

Ao Algarve, onde suas famílias ficavam, voltavam, naturalmente, de férias, a retemperar forças e a beber do 'leite' meridional das festas tradicionais, dos trabalhos agrícolas, da fraseologia típica, do dia-a-dia enfim...

Estava-lhes no sangue essa abalada, desde os tempos em que o senhor Infante D. Henrique sonhou em se lançar na gesta de ir por i, mar afora!... E algarvio que se prezava estaria na primeira fila para desbravar os Açores, a Madeira e mesmo mais além, pela costa africana...

Antes dos estudantes, a debandada fora de famílias inteiras, nomeadamente de trabalhadores braçais, quer sazonalmente para a ceifa ou a esgalha da cortiça no Alentejo quer para trabalhos indiferenciados, sobretudo na construção civil ou nas pedreiras da área da hoje chamada 'Grande Lisboa'. E daí foram capazes, já em plena década de 60, de, a salto ou não, com carta de chamada ou sem ela, lograrem atingir a França, a Alemanha, a Venezuela, o Canadá...

## **Algarvios tresmalhados**

Mas voltemos aos estudantes. E que me perdoem se me ocorre chamar-lhes assim, «tresmalhados», porque cada qual, à sua maneira e a pulso, sem pastor, atingiu níveis de que muito se orgulha o vetusto Reino dos Algarves.

Quiçá nunca suspeitaria o louletano Manuel Viegas Guerreiro (1912) que eu lhe pudesse outorgar, agora, porventura subjectivamente, o carisma de pioneiro dessas levas, pela brilhante carreira tida na Faculdade

de Letras de Lisboa, a partir de 1936. Ainda recordo com muita saudade como, nas aulas de Etnologia, sempre nos deliciava quando se punha a imitar a linguagem aos estalidos dos Bosquímanes, o povo do Sul de Angola que ele apaixonadamente estudara e deu a conhecer ao mundo.

E quantos se lhe seguiram!... Permita-se-me que evoque alguns, dentre aqueles de que tenho mais directo conhecimento e que bem alto hão guindado o nome deste Reino!

- O Coronel Piloto-Aviador Victor Brito (S. Brás de Alportel, 1930), que ingressou, em 1950, no Curso para Pilotos da Aeronáutica Militar, seguiu brilhante carreira na Força Aérea e, após a passagem à reserva, criou e dirigiu a Escola de Aviação Aerocondor.
- Teresa Rita Lopes (Faro, 1937), doutorada na Sorbonne, catedrática na Universidade Nova de Lisboa, a maior especialista da obra de Fernando Pessoa.
- O Contra-Almirante Manuel Martins Guerreiro (S. Brás de Alportel, 1940), um dos «capitães de Abril», conselheiro da Revolução.
- Lídia Jorge (Boliqeime, 1946), escritora que nos presenteou, em 1980, com o inesquecível *O Dia dos Prodígios*, um hino ao falar algarvio.
- Maria Manuel Valagão (S. Brás de Alportel, 1946), doutorada em Ciências do Ambiente pela Universidade Nova, especializada em plantas medicinais e comestíveis (ai, as ervas de cheiro!...), conceituada estudiosa dos comeres, nomeadamente da dieta mediterrânica, cujo livro mais recente, depois do *Algarve Mediterrânico – Tradição, Produtos e Cozinhas* (2015), *Vidas e Vozes do Mar e do Peixe* (2018) alcançou notável êxito e já está traduzido!

- José Eduardo Horta Correia (Vila Real de Santo António, 1948): estudou em Coimbra; eminente especialista em História da Arte.
- Mais tarde, Isabel Nobre Vargues (Faro, 1952), hoje historiadora e docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde, como estudante, ingressou em 1970.

Andaram – e, felizmente, ainda andam! – tresmalhados, mas quantos, como Romero Magalhães, souberam e sabem honrar a região que os viu nascer e jamais renegaram!...

Se ousei chamar à colação estes nomes (e que se me perdoe o evidente subjectivismo do rol), é porque o algarvio tem um condão especial no modo de se relacionar com os outros! Parece que leva a vida a brincar, no espírito do «tem cuidado com a moça não bata com o cu no chão»; no dito rápido, a resposta na ponta da língua, parece brejeirice, mas não é, apenas aquele corridinho ao som do rápido dedilhar do acordeão, mil vozes nas teclas batidas!... Ensina, mas diverte; mistura habilmente o sério com o chiste que nunca pára de lhe sair do espírito!

Assim Romero Magalhães, que foi cidadão do mundo, que, como responsável pelas comemorações dos Descobrimentos, soube realçar quanto o Português fizera, no respeito pelo Outro!

### Romero - algarvio!...

Tudo isso pude de novo sentir, no último encontro que tivemos, em Loulé, a 21 de Novembro de 2018, por ocasião da cerimónia comemorativa dos 25 anos de publicação da revista do Arquivo Municipal, *Al-'Ulyà*.

Em vez de sublinhar os aspectos inovadores que a sua colaboração nesse número da revista trouxera, sob o título «Novas novidades do poder local», Romero Magalhães, que – com a Doutora Maria Helena da Cruz Coelho – muito se dedicara à História do Municipalismo e, por isso, o convidáramos para docente dessa disciplina no Curso de Especialização em Assuntos Culturais no Âmbito das Autarquias, criado pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em estreita colaboração com o Centro de Estudos e Formação Autárquica, e que, portanto, muito de novo teria para nos contar, deixou que fossem os leitores a ajuizar do interesse do seu

testemunho e, na apresentação oral, preferiu evocar o que fora a sua infância pelas ruas da sua Loulé.

Íamos almoçar e, a determinado momento, interrogámo-nos: «Onde está o Doutor Romero?». Não resistira: passou pelo mercado e nas bancas bem suas conhecidas comprou aquelas ervas aromáticas (algarvio não dispensa os orégãos, a erva-de-azeitona, os coentros...) que desejava levar de retorno para Coimbra, como relíquias...

Meses antes deste nosso reencontro – depois dos muitos que tínhamos na Lusa Atenas, em que saudávamos sempre o espírito algarvio na vetusta Universidade!... – recebera eu dele uma mensagem, datada de 31 de Janeiro de 2018. Não resisto a transcrevê-la, em sua memória, precisamente porque – a meu ver – nela se compendia muito do que atrás se referiu. Vinha na sequência da crónica que eu escrevera no *Noticias de S. Braz* (nº 252, 20-11-2017, p. 13) e lhe dera a conhecer:

*«Dos 6 aos 10 anos passei diariamente pela capelinha / oratório de Nossa Senhora no Arco do Repouso. Só aos 75 anos venho a aprender alguma coisa sobre esse local tão entranhado em recordações de menino de escola» – não hesitou em escrever o louletano Joaquim Romero Magalhães, professor catedrático de Coimbra, actual director dos Anais do Município de Faro, na apresentação do volume deste ano.*

*E esse caso deu-lhe ensejo para salientar o papel que uma revista cultural municipal, como os Anais, pode desempenhar:*

*«Contribuir para essas necessárias descobertas e redescobertas do nosso meio, do nosso património e do respeito que essa convergência nos deve merecer».*

Romero Magalhães agradeceu a referência; aproveitou para me perguntar «Não tens aí nada no fundo da gaveta para os próximos *Anais*? Se tiveres, os farenses agradecem. E alguns louletanos também...»; e continuou, sabendo também que de Loulé viera o ramo Encarnação da minha ascendência:

*«Ora bem, já agora que és da terra e andas pelos jornais paroquiais.*

Na minha família louletana (Barros, da parte da minha Avó materna) há vários casos de mortes prematuras de mães. Aí pelos anos 80 do século XIX Maria da Piedade, uma irmã da minha bisavó Maria da Encarnação morreu e

deixou uns 6 filhos. Foram distribuídos pelas tias e tios que os criaram. Suponho que o mais velho, António, ficou a viver com os Avós (meus trisavós, portanto) e como era um tipo vivaço meteram-no no seminário e fizeram dele padre. Dizia-se na família que era a maneira de ficarem protegidas as manas, que eram 3. O tipo foi ajudante em várias freguesias – nesse tempo ainda não faltavam os padres – e acabou talvez já pároco em Santa Catarina da Fonte do Bispo. É claro que as manas também trataram da vidinha delas: a mais velha, Maria de Deus, casou com um rico Júdice de Paderne; a segunda, Ana Francisca, casou com um boticário Santos de Loulé, que também se tratava bem de massas; a terceira, Maria da Piedade, fez-se costureira de roupa interior, ganhou para si e teve larga freguesia. Solteirona, ficou sempre a viver com a prima com quem tinha sido criada (minha Avó Maria de Lourdes) e viveu até aos 90 e muitos, tendo falecido em casa dos meus Pais onde viveu os seus últimos 30 anos – para mim foi outra avó muito querida.

Ora bem, se era para cuidar das manas que o António Barros Santos se ordenou, viu-se sozinho sem manas e resolveu arranjar consolo mais próximo. E arranjou: daí, 3 filhos. Era um tipo republicano, tendo sido um dos 6 algarvios que aceitou a pensão ao clero do governo provisório – da lei da separação, creio. Escreveu em jornais locais, foi propagandista do novo regime, mandou a sotaina às urtigas, casou e ficou como funcionário do registo civil em... S. Brás de Alportel. As manas, ofendidíssimas com o desgraçado destino do apóstata, cortaram relações com ele e recusavam qualquer contacto. O sujeito morreu novo, em 1918, com a pneumónica. Deixou filhos, que afinal seriam meus parentes – não muito próximos, mas seriam. Essa segunda geração, os filhos do ex-padre, já não existe pela certa – nasceram há mais de 100 anos. Mas quem sabe se deixaram proles? Existem? Como saber dessa parentela que foi estupidamente afastada do convívio familiar? Já que andas pelos jornais da terra, poderás indicar-me alguém que saiba de histórias antigas e que me possa dar uma dica?

Não quero dar-te trabalho, que os fernão lopes são muito mais interessantes. Mesmo quando não escreviam nas pedras.

Um abraço  
K»

Nada consegui saber, por enquanto, acerca da descendência. Consultado, porém, o Padre Afonso Cunha, tive dele pronta informação sobre o clérigo:

«Já li alguma informação sobre o Pe. António Barros Santos. É natural de Loulé (S. Clemente). Pessoa muito conflituosa, violenta e extravagante. De Santa Catarina (1910) veio para S. Brás e denunciou (durante seis meses!) a falta de prestação de contas de João Rosa Beatriz, como secretário da Junta de Freguesia. Foi um dos padres que aceitou a pensão republicana (não foram somente seis, foram mais e eu já publiquei a lista). Aceitou a pensão apenas num mês... Para sobreviver dava umas aulas. Levou uma sova por ter denunciado J. R. Beatriz e, no fim, fizeram-se as “pazes”. Houve dinheiro à vista e tudo ficou em paz e apadrinhado por JR Beatriz.... Foi um padre rebelde e de mau comportamento ao longo da vida. O mais grave foi usurpar a jurisdição, a embriaguez, a vida dissoluta e o republicanismo exaltado. Por tudo isto ficou suspenso de ordens sacras».

Ficamos, pois, esclarecidos<sup>1</sup>.

Contudo, o que mais me levou a transcrever na íntegra a mensagem que Joaquim Romero Magalhães foi o seu tom, a provar à saciedade o seu «algarvianismo», essa maneira própria que – queira-se ou não! – os meridionais temos, mormente os do Barrocal, de... ‘arramalheta’ as coisas!...

Ora releiam-se quatro ou cinco frases:

- «como era um tipo vivaço meteram-no no seminário e fizeram dele padre»;
- «as manas também trataram da vidinha delas»;
- o boticário Santos, de Loulé, «também se tratava bem de massas»;
- «mandou a sotaina às urtigas»;
- «As manas, ofendidíssimas com o desgraçado destino do apóstata...».

Trata-se, recorde-se, de mensagem enviada por correio electrónico sobre um tema de história local, que, embora lhe interessasse do ponto de vista familiar, não deixa de ser história, mormente hoje que a história das famílias ganha novo fôlego; não obstante, é de registar

<sup>1</sup> Informou-me ainda o Padre Afonso Cunha que está a terminar o *Memorial da Diocese do Algarve*, com o rol do clero algarvio desde 1500 até à actualidade, onde o nome do Padre Barros Santos vem incluído.

todo o colorido da fraseologia, bem característica, a meu ver, do falar algarvio, do modo de ser desta zona em que a agrestia da Serra contempla a morna sucessão das colinas até ao oceano além...

Era assim Joaquim Romero Magalhães – que, reparou-se decerto, assinou «K»!...

Um exemplo de algarvio que, mesmo longamente caldeado pelo espírito académico coimbrão (e bem sabemos como ele é, esse espírito!...), jamais, mesmo no modo de dizer, arrenegou as suas raízes.

Honra lhe seja feita!

Perdoe-se-me, pois, se, em jeito de conclusão – e confirmação – do que fica dito, eu recorte dois parágrafos do discurso com que Romero Magalhães agradeceu a concessão do grau de doutor *honoris causa* pela Universidade do Algarve, a 12 de Dezembro de 2018:

«O Algarve é uma história, uma literatura, uma paisagem, uma tonalidade luminosa, é um viver e saber

viver, e é um conjunto de tudo aquilo que afinal nos rodeia e conforta. É tudo isso, o que se vê e não vê, o que é material e o que paira acima dessa realidade. É aquele cheiro a estevas que me acordava quando chegava à serra, estudante pouco endinheirado que vinha de férias no correio da noite. É um todo que não pode ser fragmentado, moído ou respigado. Que ainda hoje me desperta os sentidos ao atravessar por prodigiosos viadutos a barreira alentejana da serra brava, que aprendi a apreciar melhor com esse algarvio de excepção que foi Manuel Viegas Guerreiro.

Um meu inesquecível amigo, António Manuel Nunes Rosa Mendes, dizia-me que o Algarve tinha sido definido por um poeta de Armação de Pêra, António Pereira, quando escreveu: «Sou algarvio e a minha rua tem o mar ao fundo».

Sentia-o também assim o nosso homenageado. Sentimo-lo os que, nascidos no Barrocal, lhe respiramos esses cheiros, essa atracção deveras singular!...

# Índice

5. **Nota Abertura (Presidente da Câmara)**
7. **Apresentação**
9. **Direitos de propriedade e formas de exploração: uma breve história das pescas portuguesas no século XX**  
Álvaro Garrido
2. **Entre o poder local e o poder central. Entre a metrópole e o império. Equilíbrios de Poderes ou o poder dos comuns?**  
Amélia Polónia / Francisco Mangas
35. **Autarquias locais e divisões administrativas em Portugal 1834-2013**  
Ana Tomás / Nuno Valério
- 49 **O Estado Centralista e a Afirmação Política das Regiões em Portugal Durante a I República e o Estado Novo**  
António Rafael Amaro
- 59 **Uma Carta Militar e Corográfica do Algarve (1825-1842)**  
João Carlos Garcia
- 81 **Cooperando com Joaquim Romero Magalhães**  
João Sabóia
- 91 **Tempo e espaço, centros e periferias: um exercício sobre Portugal**  
José Reis
- 97 **Também para o estudo do Algarve**  
Luís Filipe Oliveira
- 103 **O poder concelhio na historiografia de Joaquim Romero Magalhães**  
Margarida Sobral Neto
- 113 **O Algarve nos centenários**  
Maria Isabel João
- 129 **O legado de Joaquim Romero Magalhães: sobre o Portugal moderno.**  
Maria Leonor Freire Costa



- 137 O Reino do Algarve no último quartel do século XVIII: fiscalidade e moeda**  
Rita Martins de Sousa
- 145 Depoimentos dos Membros do Conselho Científico**
- 147 Joaquim Romero Magalhães. Da descoberta da sua obra a uma dívida por pagar**  
Bernardo Vasconcelos e Sousa
- 151 Memória de Joaquim Romero Magalhães**  
Guilherme d'Oliveira Martins
- 157 As minhas memórias académicas e cívicas com o Prof. Romero Magalhães**  
José Carlos Vilhena Mesquita
- 171 ROMERO, ALGARVIO!**  
José d'Encarnação
- 177 E agora o que vai ser de mim sem o Romero?**  
Luís Miguel Duarte
- 185 Ao Joaquim Magalhães**  
Luís Reis Torgal
- 189 Recordo...  
momentos com Joaquim Romero Magalhães**  
Maria Helena Cruz Coelho
- 193 O cruzamento da História com a Arqueologia, no Algarve – O contributo de Joaquim Romero Magalhães**  
Mário Varela Gomes
- Regulamento do Prémio de Investigação da revista Joaquim Romero Magalhães**